

A Educomunicação

Resumo

Ismar de Oliveira Soares, professor e pesquisador junto ao Departamento de Comunicações e Artes da USP, vem associando, há longos anos, esforços dos mais diversos na aproximação entre Comunicação e Educação. Pesquisas, textos, seminários e conferências, além de um bom número de projetos de intervenção em práticas escolares têm sedimentado em especial seu propósito de conciliar essas duas dimensões da vida social e cultural.

A proposta-projeto de Educomunicação tem suportes conceituais e teóricos cada dia mais debatidos no país e no exterior. Na presente entrevista, Ismar de Oliveira Soares dá conta de perspectivas que têm marcado esses esforços na área com resultados significativos e visíveis no Brasil e no Exterior.

NO: O termo EDUCOM sinaliza para uma relação entre educação e comunicação. Como esses dois processos se juntam formando uma identidade própria?

Ismar: A relação entre a área da Comunicação e da Educação é antiga, marcada pelos representantes teóricos que dão suporte aos dois campos. Fundamentalmente é uma relação de suspeita da educação com os meios que acabaram invadindo suas áreas de elaboração e divulgação de valores. A Comunicação se tomou a parte rica do processo, beneficiada pelo poder público e pelos investimentos privados, permitindo que avançasse tecnologicamente em termos de expansão no mercado de bens

simbólicos. E por outro lado, a Educação sempre olhou para a Comunicação como a parte pobre do processo de difusão de formação de conhecimentos. Acontece que ao longo dos últimos anos, especialmente a partir dos anos 90, intensificou-se no mundo, inclusive no Brasil e na América Latina, um trabalho que se chamou de leitura crítica da comunicação. A perspectiva era ideológica com alguns pioneiros no campo dos estudos da comunicação e da pedagogia. Eles olharam para a comunicação e viram que era preciso denunciar, especialmente com relação à manipulação dos veículos in locu, além da grande manipulação que vinha do norte ao sul. Algumas das pessoas que promoveram esse trabalho, entre elas, Mário Kaplum, um radialista uruguaio, passaram a usar um conceito chamado Educomunicação para designar justamente essa leitura crítica ou la educación de los medios, como se usava na América Latina. A perspectiva da recepção crítica ou da leitura crítica ganhou um certo suporte na sociedade, especialmente junto às ONGS e ao movimento social, trabalhando com lideranças, porém nunca chegou efetivamente à escola, que por sua vez se aproxima do sistema de comunicação através das possibilidades das tecnologias surgidas desde os anos 70. As escolas trabalhavam e ainda trabalham com um conceito de tecnologia educativa para designar os instrumentos de recursos da comunicação. Nenhum educador, porém, perguntou-se se essas tecnologias estariam criando novos modos de compreender e perceber a

Ismar de Oliveira Soares é professor e pesquisador junto ao Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP e coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da ECA-USP.

realidade. A comunicação viria simplesmente como reforço ao trabalho já existente do docente, do professor. A partir de uma pesquisa que realizei entre 1997 e 1999, observei como a sociedade olhava a inter-relação entre Comunicação e Educação. Foi assim que surgiu um processo de pesquisa que a FAPESP patrocinou, que tinha como meta identificar o imaginário de quem trabalhava na América Latina (12 países), Portugal e Espanha, como especialistas que trabalhavam com sets de comunicação e documentação, que era o título que designava os que trabalhavam em televisões e rádios educativas, em ongs ou universidades, alcançando aproximadamente 2000 endereços desses países. A intenção da pesquisa era saber como as pessoas, fora da escola formal e também da mídia, pensavam essa inter-relação. Dessa forma, descobrimos que essas pessoas não estavam presas aos padrões das teorias da educação ou da comunicação. Elas tinham um trabalho próprio que vinha naturalmente conduzido por perspectivas ideológicas de transformação; existia a perspectiva de revoluções nos anos 70, que passariam pela América Central, pela Guatemala, por El Salvador, por Honduras que eram naquele momento nos anos 80 os lugares de maior efervescência revolucionária; mas que passariam também aqui pela América Latina, especialmente pelas comunidades indígenas do Peru e da Bolívia, que movimentavam o imaginário das pessoas em torno de uma revolução socialista no continente. Esses grupos estavam sendo embalados também pelas propostas de Paulo Freire que falava de comunicação ideológica participativa. Assim vamos observar uma tendência de grupos para rever suas práticas de comunicação afastando-se da lógica de mercado, aproximando-se da lógica da cidadania, e revendo até as próprias relações de comunicação no interior das comunidades que desenvolviam os projetos. Notou-se que esses grupos

conseguiram colocar na pauta da mídia e da comunicação simultaneamente, temas antes alheios ou que a escola e a mídia não tomavam ciência. Um desses temas era o meio ambiente que ainda muito conhecido no meio acadêmico não conseguia chegar à rua, à sociedade. Observou-se, portanto, que um grupo substancial do movimento social tomava a comunicação como um eixo transversal das suas práticas, tinha ciência plena que deveriam fazer uma comunicação participativa, uma gestão participativa da sua comunicação.

Faziam avaliação disso e tinham um discurso sobre as tecnologias que se iniciavam desde aquele momento nestes grupos gerando uma discussão sobre a democratização da comunicação. Então o que constatamos no final dos anos 90, foi que ao longo de praticamente 30 anos foi se sedimentando na América Latina e também em Portugal e Espanha, no oeste americano e alguns lugares da África, da Ásia, um pensamento voltado para o uso e a concepção da relação comunicação-educação como algo autônomo do que se fazia na mídia e na escola. E aí nós decidimos res-sistematizar o conceito de Educomunicação transferindo de uma área desse processo que é a leitura crítica para o conjunto do processo. Então para nós a Educom passou a significar o conjunto das ações desenvolvidas pelos grupos sociais em geral e nos movimentos de transformação de alguma realidade. Por exemplo, a transformação da vida de habitantes de rua, ou a transformação das relações entre os mineiros na Bolívia através do uso da rádio na sua realidade. Então nós definimos a Educom como o conjunto das ações que tinham como objetivo trabalhar aquilo que Martín-Barbero definiu como ecossistema comunicativo. Tal conceito é absorvido, porém não para designar exclusivamente a relação dos seres humanos com a tecnologia, mas para designar todo tipo de relação entre pessoas mediadas pela tecnologia ou por processos e recursos da comunicação. Definimos, então, o

conjunto das ações destinadas a criar ecossistemas comunicativos mediados pelas tecnologias tendo como objetivo final a construção de práticas cidadãs que passavam pela expressão comunicativa dos agentes sociais. Esse conceito de Educom voltada pra designar esse conjunto de atividades, acabou servindo como paradigma para o desenvolvimento de alguns projetos que levariam a prática e portanto iriam testar a viabilidade ou não dessa concepção. Quando se pergunta sobre a Educom, necessita-se apresentar essa justificativa porque o conceito tem sentido quando visto a partir de uma história de no mínimo 40 anos de desenvolvimento. Em 1998, convocamos um congresso internacional em São Paulo, com o objetivo de convocar papers dentro de áreas de intervenção no campo, como a questão da educação nos meios, a questão da gestão comunicativa, da reflexão epistemológica sobre o campo. E identifiquei-se que mesmo vindo de países e situações diferentes, havia uma sintonia no discurso dessas pessoas. Por isso chamamos a Educom de um campo emergente, pois mesmo não podendo afirmar que seja um campo ainda, ela apresenta algumas características que Bourdieu apresenta como sendo campo.

NO: Dentro dessa dimensão histórica de campo emergente, no Brasil quando se objetivou essa proposta de Educom e qual o seu papel nisso. Você foi o pioneiro?

Ismar: Eu fui o pioneiro no sentido de identificar as relações das chamadas áreas de intervenção do campo. Mas claro que pessoas antes de mim tinham práticas que hoje designamos como educacionais, mesmo sem se expressarem nesse sentido. De qualquer forma, unindo e costurando o discurso desses pioneiros, conseguimos identificar o conceito. No caso, a contribuição do grupo que trabalhou comigo (mais ou menos 20 pesquisadores no projeto 96-99) foi dar um nome a um fenômeno que já se mostrava evidente. O que aconteceu

em seguida foi quando começamos a apresentar as conclusões da pesquisa para pessoas, interessadas ou não, para jornalistas que vinham nos entrevistar diziam: “parece que eu me identifico, seria eu um educador?” a pergunta começa a vir a partir dos que ouviram os relatos da pesquisa. O núcleo se funda a partir de 1996, articula-se e começa a discutir a própria elaboração da pesquisa, já que a hipótese da pesquisa denota uma percepção de uma realidade.

NO: Quando você falou dos antecedentes da EDUCOM, da proposta desse campo emergente, você se referiu à Leitura Crítica, assim como você se referiu em determinado momento a Paulo Freire. Pode-se dizer que EDUCOM é uma síntese da sustentação política filosófica de Paulo Freire de um lado, e de frankfurtianos do outro? A dimensão político-ideológica que sustentou Paulo Freire, a dimensão político-ideológica que sustentou Frankfurt, na área da comunicação, os dois se juntam em um campo específico de reflexão ou em um campo também emergente de idéias ainda se amarrando?

ISMAR: A ideologia frankfurtiana está presente no nascedor do processo, porque ela deu sentido ao discurso, que anteriormente se tratava de um discurso moralista. As pessoas se desenvolviam com a Leitura Crítica, tinham como grande objetivo se espelhar nos seus conceitos e julgar a mídia a partir de seus conceitos. Quem fazia isso inicialmente eram as igrejas, tanto a católica quanto a evangélica, que desenvolviam treinamento como o chamado TAT, Treinamento de Análise da Televisão, nos EUA, e que chegou ao Brasil e do qual eu participei. É uma visão que eu classificaria como moralista. Frankfurt chega com uma visão denunciante, substitui a moral pela ideologia e aí se faz o rastreamento da produção internacional sobre a ótica ideológica. Agora, nem o moralismo nem o denunciamento frankfurtiano tinham condições de criar a Educação. A EDUCOM é criada a partir da

divulgação do conceito das teorias das mediações, e que começa a circular na América na hipótese de que algo diferente está nascendo. Esse algo diferente, que vai de Paulo Freire à proposta da problematização da vida e das relações, vai superar a chamada educação que é protagonizada pelos próprios sujeitos que é o educador e o educando, e por outro lado, vai estar também na prática propositiva dos agentes sociais. Viu-se que os agentes sociais na América Latina, Portugal e Espanha, bem como no resto do mundo estavam indo além da simples Leitura Crítica, como a questão de preservar o meio ambiente, a valorização da mulher, a valorização do indígena e das demais causas dos anos 70 e 80. Ao olhar esse universo de causas políticas, havia grupos que entendiam não ser isso possível não fosse pelo comum que derivava do fato de que essas pessoas eram comunicadores, reconhecidas como comunicadores. Não transferiam ao profissional diplomado o direito de se comunicar, mas assumiam esse papel e queriam buscar aliados na sociedade. Portanto, viver nas contradições sociais e não isolar-se a partir de uma postura de puritanismo de que eu faço o melhor porém convivendo com as contradições, como agentes propositivos e fazendo sempre autocrítica da sua própria comunicação. A questão fundamental do conceito de EDUCOM é que quem trabalha nesse campo, não se propõe a fazer nenhuma leitura crítica de terceiros, ele antes analisa sua própria comunicação e de lá tira critérios pelos quais ele estará analisando o mundo inclusive, a mídia. Eu diria que a escola de Frankfurt deu um impulso no sentido de se avançar em direção a considerar a importância de avaliar o impacto da mídia e da comunicação. Porém se permanecêssemos nisso, não conseguiríamos ter superado e rompido as relações funcionalistas da sociedade, porque tanto Frankfurt quanto a ideologia moralista partem de alguns princípios dentre os quais o reconhecimento de que existem funções na sociedade cumpridas por

pessoas ou grupos. Já a EDUCOM nasce do reconhecimento de que estamos numa sociedade mediada pela comunicação e que eu sou parte desse processo.

NO: Embora nascido no contexto da cultura de massa, o processo da EDUCOM avançou para a compreensão contemporânea das novas tecnologias envolvendo o digital e a internet?

ISMAR: A EDUCOM vem sendo feita da seguinte forma: os que nela estão envolvidos, estão muito atentos ao que está sendo pesquisado, ao que está acontecendo na sociedade. A

EDUCOM em si não vai propiciar uma reflexão específica sobre os caminhos das novas tecnologias, mas vai observar o que os pesquisadores estão fazendo, e falando sobre isso e vai transferir para o seu campo de ação. Ela não promoveria reflexões, discussões especificamente, por exemplo, sobre a relação TV-criança, esse é um assunto que os pesquisadores na área de recepção estão trabalhando. O que a Educum faz é observar isso, colher esses resultados e identificar se eles podem contribuir para o campo na chamada inserção social na prática educacional. Observa-se o que pesquisadores das várias áreas estão trabalhando, e tenta se fazer a síntese disso em favor de um projeto político-social.

NO: O que é o NCE?

ISMAR: NCE se constitui a partir da rejeição da Compós de criar um GT de Educomunicação. Em 1996, na Compós, um grupo de mais ou menos 40 pessoas se reuniu e decidiu criar o GT. E a Compós disse que não abriria sessão a ninguém porque eles tinham uma verba destinada a um certo número de GT's e eles não poderiam criar mais porque iriam dividir a verba. O grupo que havia se reunido decidiu criar um grupo de pesquisa na ECA, porém com a participação externa de pessoas que quisessem se integrar a ele, porque notou que na verdade a Compós, não entendia que a relação comunicação-educação fosse algo tão importante

assim pra ter um GT. Ela tinha outros temas que seriam mais importantes. E até hoje ela não tem esse GT, o que confirma nossa hipótese. Percebemos que era preciso legitimar a discussão em torno da comunicação-educação e que um grupo de pesquisa poderia então fazer este trabalho. Isso foi em 96 e o grupo começou a fazer pequenos estudos, seminários, encontros, até que surge a idéia da pesquisa, traçando o perfil do educador e a natureza da inter-relação. No início eram 40 pessoas com reuniões mensais que foram se diluindo à medida que projetos começaram a surgir. O projeto acabou substituindo a rotina de reuniões voltadas pra discussões teóricas, porque nós tínhamos que dar conta de propostas concretas de assistência aos bolsistas com os quais nós nos comprometíamos. O grupo acabou se reduzindo a umas 15 pessoas em termos mais permanentes que planejavam os encontros, pesquisas. O primeiro grande projeto que surgiu foi em 1998 com o Estado de São Paulo oferecendo diretrizes de ensino para capacitar 900 professores no uso da Internet. O diferencial desse curso chamado TEC INFORMÁTICA é que o pessoal da matemática que cuidava disso também trabalhava as tecnologias simplesmente, e as nossas discussões eram como integrar a tecnologia no currículo e como fazer com que houvesse um acesso às tecnologias por parte de toda comunidade. Nós levávamos um discurso ideológico de envolvimento da comunidade no uso das tecnologias e também trabalhávamos com a perspectiva chamada construtivista de educação, que era problematizar questões para o pessoal ir resolvendo. Dessa experiência de 1998-99, o núcleo passou a ser conhecido dentro do Estado, e daí o convite para que fizéssemos um projeto chamado EDUCOM TV, junto a 1024 escolas do Estado envolvendo 2500 professores. Só que este projeto vinha numa condição muito interessante, porque já existia um projeto do governo chamado TV Escola. O governo, na época o

ministro Paulo Renato, vai perceber que boa parte do equipamento ou era roubada, ou não era usada por ninguém, porque o equipamento era usado para gravar o que se colocava na TV Escola. Aí se decide criar um processo de capacitação à distância. As universidades federais começaram a trabalhar, com um grande problema que era a desistência; as pessoas começavam o curso e desistiam. O Estado de São Paulo resistia a fazer o curso. Então o NCE foi convidado a participar dessa capacitação em São Paulo. Isto é, com a linguagem audiovisual, capacitar para usar melhor o material da TV Escola. Recebemos o material escrito, que era de boa qualidade, porém de uma vertente tecnicista, e os vídeos, que não eram de boa qualidade, eram de uma perspectiva moralista. Nós dissemos que não podíamos trabalhar com aquele material que não combinava com nossa filosofia. E perguntamos se podíamos fazer uma proposta alternativa, que era trabalhar a linguagem audiovisual em si, nós íamos trabalhar com o perfil do professor, um consumidor de TV, de filmes, e ele iria optar com o que trabalhar. Fariamos um rastreamento dos conhecimentos dele, a partir da sua relação com mídia e depois iríamos trabalhar com os conceitos de EDUCOM que eram basicamente criar o ecossistema comunicativo na escola, e ver como o audiovisual poderia colaborar para fortalecer esse ecossistema. Nesse processo nós conseguimos manter o público, com frequência final de mais ou menos 86% de 2040 professores.

NO: O que é o programa EDUCOM Rádio?

ISMAR: O trabalho do EDUCOM Rádio se constitui em uma assistência a um grupo de escolas e tem como objetivo levar a linguagem radiofônica para dentro do espaço escolar a partir de uma tecnologia que permita que a escola possua uma emissora de rádio, em termo de produção, limitada apenas na emissão, restrita ao quarteirão da

escola. É uma rádio móvel com 16 canais, que passa quase a ser o fetiche do curso. A linguagem radiofônica se constitui num meio pra que a EDUCOM seja discutida na comunidade. A questão fundamental é o conceito de ecossistema que envolve diretor, coordenador, professor, aluno dentro de um ambiente escolar. O rádio poderia ser substituído pelo vídeo ou internet. Porque o rádio? Porque ele valoriza uma cultura que o aluno já tem que é a sua voz, o seu jeito de falar, e permite que o trabalho seja feito em grupo, enquanto a Internet favorece muito o trabalho individual. O vídeo ele tem sua especificidade também mas em geral exige uma performance muito maior técnica. O rádio pode acontecer com recursos mais pobres. O EDUCOM Rádio foi uma linguagem mas que poderia ter sido outra.

NO: Quais são os primeiros resultados do trabalho?

ISMAR: O primeiro resultado é uma alegria muito grande de quem participa do projeto. Os professores chegam desconfiados e com o olhar dizendo: vou ter que freqüentar isso durante 12 sábados. O professor tem uma perspectiva de um longo período de privação de fim de semana. Alguns alunos chegam para detonar o projeto, outros chegam um pouco mais alegres, porque tem ao menos onde ficar aos sábados. E a comunidade chega muito humilde, sem saber pra onde ir. E os senhores e senhoras que chegam podem ficar com os professores ou estudantes. Estamos observando uma grande alegria das pessoas, primeiramente por se sentirem respeitadas, ao perceberem que uma universidade da importância da USP se desloca até eles, oferecendo-lhes a oportunidade de contato com professores que vem falar de temas que se fala na universidade em uma linguagem mais simples. Os professores começam a notar que algo diferente está acontecendo e que existe o interesse dos mediadores do curso em dar-lhes muita atenção. Os mediadores recebem uma formação

que exige deles exatamente o convívio com a superação de conflitos a partir da pedagogia do diálogo.

NO: Quais as novas perspectivas para esse processo educacional para além dos atuais projetos? Quais as perspectivas para longo e médio prazo?

ISMAR: As perspectivas do núcleo a médio e longo prazo são: primeiro legitimar o campo da Educomunicação, de forma que esse campo e os conhecimentos ao redor dele se aprofundem através do centro de pesquisas tanto nas áreas de ciências humanas quanto na de educação e comunicação. Nossa meta é expandir.

NO: As experiências mais intensas da área da tecnologia da comunicação, estão propiciando aquilo que no ponto de vista político-filosófico da EDUCOM se buscou como uma análise crítica mais trabalhada?

ISMAR: Nós fizemos um vídeo institucional sobre nosso trabalho, retratando uma fase da EDUCOM. Nosso núcleo de memória entrevistou meninos, meninas e professores deixando que eles se expressassem. Numas das histórias registradas, um casal de adolescentes dizia que no EDUCOM Rádio, aprenderam a fazer a leitura do vídeo, eles desmontavam o vídeo, para saber como é que era produzido, quais eram as intenções dos produtores e dos códigos usados. Eram meninos entre sétima e oitava séries do ensino fundamental. Portanto eles tinham uma visão adequada a sua idade e ao conteúdo em que estavam. Porém eles tinham assistido a muitos vídeos durante o curso, tinham tido contato com muitos professores que falavam de vídeo, que falavam de audiovisual e haviam incorporado a leitura do vídeo em um curso em que predominava a discussão sobre o rádio. A tática educacional está alcançando o ideário primeiro, no qual até eu pessoalmente me envolvi, que era a questão da produção pelos usuários, a partir da perspectiva da produção em que o menino e a menina começam a produzir e a fazer teatro do zero, a fazer

rádio, editar seu próprio vídeo e começam a descobrir, não apenas os âmbitos materiais. Eles têm uma referência forte no conjunto de palestras que o curso está oferecendo. Nós estamos hoje afirmando que a melhor análise crítica da mídia é feita por quem faz mídia, ainda que seja de

forma alternativa, como o EDUCOM propicia, desde que ele tenha uma relação de ajuda dos mediadores, de pessoas com mais experiência. Eles mesmos vão percebendo a diferença de uma produção a partir de uma gestão democrática e uma produção de uma gestão autoritária, isso fica claro pra eles.

Referências Bibliográficas do Entrevistado

SOARES, I. O. (Org.) e outros. **Caminhos da Educomunicação**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

SOARES, I. O. . **Sociedade da Informação ou da Comunicação?**. São Paulo: Cidade Nova Editora, 1996.

SOARES, I. O. (Org.) . **O Jovem e a Comunicação**. São Paulo: Editora Loyola, 1992.

SOARES, I. O. **Comunicação e Criatividade na Escola**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

